

## Capítulo 7

### CONCLUSÃO DO VOLUME UM.

Os mapas são instrumentos de comunicação indispensáveis tanto para os geógrafos quanto para os profissionais de muitos outros campos de estudo e de trabalho. Eles são tão importantes que a competência profissional pode ser parcialmente equacionada com habilidades e talentos nas suas interpretações. Durante todas as fases dos cursos que usam mapas (geografia, engenharia cartográfica, geologia, agronomia, engenharia florestal, engenharia civil, etc...), o aluno está engajado em alguns aspectos da leitura e da interpretação de mapas. Ele rapidamente aprende a apreciar a importância de uma representação de mapas. O papel da cartografia e dos cartógrafos é fazer a comunicação via mapas tão clara e adequada quanto possível.

É importante, no entanto, perceber que a interpretação de mapas e cartas não é uma faceta da cartografia que se pode estudar de isoladamente de disciplinas que fazem uso de mapas; ela é, antes disso, um instrumento valioso de aproximação de trabalhos que contenham alguma natureza geográfica ou espacial. Assim, o caminho mais apropriado para aprender como interpretar um mapa é em conjugação com o curso no qual o aluno se relaciona. Contudo, o básico da leitura e a interpretação e de elaboração é ensinado na disciplina de cartografia.

É altamente interessante que os três atributos imprescindíveis de um mapa, ou seja, a projeção, a escala e a simbolização, associada à generalização e à classificação, sejam as principais fontes das distorções de mapas (não incluindo as distorções intencionais do mapeador). Esses atributos são inevitáveis devido 1) às leis geométricas de uma esfera, 2) à definição e obrigação de que mapas sejam uma representação reduzida, e 3) à impossibilidade de que um desenho possua todas as características do objeto real. Portanto, é obrigatório generalizar para que a realidade seja inteligível ao ser humano.

Assim como muitos processos cartográficos, os de generalização e simbolização estão também intimamente ligados à simplificação, e por isso distorcem a realidade. Os mapas são representações da realidade e não ela própria. Porém, distorcem a realidade não implica em distorcer a verdade. Se “distorcer” significa “mentir”, então os mapas devem mentir. Contudo, as suas “mentiras” não são geralmente graves, pois não são deliberadamente assim elaboradas para enganar; são feitas para facilitar a comunicação:

Distorcem-se distâncias numa projeção para possibilitar ao usuário do mapa ver todo o terreno; separam-se fenômenos por distâncias maiores que as reais para permitir a representação de suas posições relativas; desenha-se uma rodovia relativamente mais larga do que ela é na realidade para torná-la visível; Essas distorções são necessárias no sentido de permitir ao leitor a mensagem do mapa. O entendimento, o controle e o uso destas e outras distorções são, talvez, os maiores desafios que os cartógrafos enfrentam; e são tão importantes para a comunicação cartográfica.

A grande importância e a interligação entre as bases de toda cartografia fica como uma conclusão deste primeiro volume. Foram apresentados aqui as seguintes questões:

- Comunicação;
- Distorção;
- Projeção (e coordenadas);
- Escala (e generalização);
- Simbolização (e classificação);
- História e a visão global da cartografia

Obviamente, este volume é apenas um começo; ele somente tocou ligeiramente em seis dos dezesseis grandes componentes da cartografia. Os três outros volumes sobre a cartografia topográfica (II), Temática (III) e Especial (IV) explicarão mais componentes.

Porém, deve ser lembrado que não são tópicos isolados, e que todos dependem das bases aqui apresentadas.